MINISTÉRIO DA CULTURA, PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, GERDAU E GRUPO ZELO APRESENTAM:

CARTILHA









O MUSEU ATRAVESSA A CIDADE

4ª EDIÇÃO





UM PROJETO DO
MM GERDAU - MUSEU DAS MINAS E DO METAL E

GRUPO ZELO QUEM TEM VIVE BEM

Esta cartilha foi realizada com recursos da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Sumário

Sobre o Museu 4

Projeto: O Museu Atravessa a Cidade 5

Ao Educador 6

Percursos na Educação Infantil 7

Atravessamentos 9

Narrativas a Muitas Mãos 10

Atividades Educativas 11

Eixo 1 - Étnico-Racial 12

• Notas da Travessia 13

• Confecção e Pintura de Máscaras Africanas .. 16

Eixo 2 - Gênero e Mineiridades 21

• Notas da Travessia 22

• Moldando Argila 23

Inspirações para o Universo Infantil 25

Vamos Falar em Libras? 26

Notas em terra firme 28

Outras Travessias 28

Referências Bibliográficas 30

SOBRE O MUSEU



O MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal é um museu de ciência e tecnologia que apresenta, de forma lúdica e interativa, a história da mineração e da metalurgia. Aberto ao público em junho de 2010, integra o Circuito Liberdade, um complexo cultural sob gestão da Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais - SECULT, que reúne diversos espaços culturais com as mais variadas formas de manifestação de arte e cultura em transversalidade com o turismo. Nas 20 áreas expositivas do MM Gerdau, estão 44 exposições que apresentam, por meio de personagens históricos e fictícios, os minérios, os minerais e a diversidade do universo da Geociências.

Desde sua abertura, o Museu recebeu mais de 2 milhões de visitantes, com público virtual de quase 24 milhões de pessoas desde 2019, e uma programação cultural e científica que atendeu mais de 450 mil participantes ao longo de sua trajetória. Neste contexto, o Educativo do Museu tem a missão de acolher os visitantes nessa viagem pelas Minas e pelo Metal, tendo atendido cerca de 230 mil pessoas em ações educativas presenciais e virtuais desde 2010. O MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal é financiado via Lei Federal de Incentivo à Cultura, com patrocínio da Gerdau.

Conheça mais sobre o MM Gerdau, acessando o vídeo institucional pelo QR-CODE:



PROJETO:
O MUSEU ATRAVESSA A CIDADE

O projeto "O Museu Atravessa a Cidade" tem como objetivo realizar ações educativas com crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos em escolas e creches credenciadas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Os eixos temáticos de suas atividades educativas tratam sobre questões étnico-raciais, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura, em conexão com os conteúdos expográficos do Museu, visando a descentralização do acesso à cultura e aos conteúdos e práticas museais. Além disso, as ações também propõem a ampliação do diálogo científico e cultural com a cidade, estendendo o alcance territorial do Museu para outras regiões de Belo Horizonte. O projeto "O Museu Atravessa a Cidade" faz sua quarta travessia financiada pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, via patrocínio do Grupo Zelo. Nas três primeiras edições, entre 2022 e 2026, o projeto atendeu 3.683 alunos e 864 professores, em 26 escolas de Belo Horizonte.

O projeto prevê, além das ações educativas realizadas nas escolas parceiras, a construção e distribuição de um material pedagógico que incentive e possibilite a extensão do programa educativo da escola. O Kit Pedagógico é composto por amostras minerais variadas, além dos materiais necessários para a reprodução das oficinas de forma autônoma pelas professoras e agentes culturais: moldes de máscaras africanas, argila, um quebra-cabeça, pigmentos minerais variados e a cartilha educativa "O Museu Atravessa à Cidade", que contém informações gerais, tutoriais das oficinas e conteúdos educativos relacionados às temáticas do projeto.

A cartilha foi desenvolvida para auxiliar o profissional de educação que desejar produzir as práticas pedagógicas realizadas no projeto ou a desenvolver suas próprias atividades de forma autônoma, visando a continuidade das propostas educativas presentes nos eixos temáticos do projeto citados acima, além da multiplicação de suas potencialidades com os indivíduos de **todas as idades** na comunidade escolar.

Conheça outras edições do projeto, acessando o site oficial do "O Museu Atravessa a Cidade" pelo QR-CODE:

AO EDUCADOR

Olá, Educador!

Aqui te convidamos a viajar conosco em histórias e atividades educativas desenvolvidas para discutir temas de relevância étnico-raciais, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura. Nosso objetivo é trabalhar esses assuntos de forma coletiva, lúdica e transversal, contribuindo para a formação de indivíduos que reconheçam e respeitem a diversidade de saberes, conhecimentos e culturas.

A realização das atividades e práticas em sala de aula, que contemplem tais temas contribui para a expansão do universo cultural e social da criança, apresentando-lhe novos mundos e novas formas de interpretar o que ela já conhece. Ações que expandam as propostas educativas para além do ambiente escolar são indispensáveis para a continuidade da formação desses indivíduos e de sua comunidade, envolvendo todos por meio da educação, cultura e ciência na luta contra a discriminação racial e de gênero.

O propósito deste projeto é possibilitar, desde a primeira infância, o desenvolvimento de sujeitos capazes de perceber sua identidade cultural, fortalecer laços com ela e valorizar a diversidade cultural, científica, de gênero e raça presentes em nossa sociedade. Assim, esta cartilha será sua companhia em nossas jornadas pelas Áfricas, pelas Minas Gerais e por tantos outros territórios reais ou fantásticos por onde a prática educativa é capaz de te levar!



PERCURSOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



A presença de práticas e atividades que incentivem a discussão de temas relacionados às relações étnico-raciais, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura é indispensável no planejamento pedagógico da Educação Infantil.

Existem muitas formas de discutir questões importantes com crianças de todas as idades.

Adaptar as atividades às necessidades do presente é uma prática essencial e constante.

A formação do pensamento crítico começa na primeira infância, se desenvolve com o processo de criação da identidade cultural da criança e é parte essencial do combate ao racismo e à discriminação racial e de gênero.

Desta forma, a presença de atividades e discussões sobre esses temas no dia a dia da criança, especialmente entre 4 e 5 anos, possibilita o surgimento de um espaço seguro para aceitação e apreciação da diversidade social e cultural, assim como incentiva o desenvolvimento saudável de sua identidade.

O ensino e as discussões de temas de relevância étnico-racial estão previstos na Lei Federal nº 10.639/2003 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, estabelecendo um conteúdo programático e pedagógico de ensino, reconhecimento e valorização das influências africanas na formação da sociedade brasileira e do protagonismo da população afro-brasileira na formação social do país.

Já a necessidade da discussão de temas que evidenciem as questões de gênero está prevista nas diretrizes curriculares da Educação Infantil. Assim, as práticas educativas do projeto "O Museu Atravessa a Cidade" contribuem no atendimento às diretrizes legais citadas acima e para a sensibilização contra a discriminação étnico-racial, perpassando também na construção de novas formas de sociabilidade, que reflitam ativamente sobre a desigualdade entre homens e mulheres e promovam práticas para a equidade de gênero.

[1] https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm
[2] https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf
[3] http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf

Os indivíduos experienciam a desigualdade e o preconceito de gênero já na infância, quando meninas e meninos são incentivados a reproduzirem certos comportamentos ou a se engajarem, de forma desigual, em atividades como ciências, esportes, artes, entre outras. Neste sentido, as atividades previstas no projeto buscam ressaltar a representatividade feminina na preservação da cultura e do patrimônio cultural mineiro, valorizar seu trabalho, seus conhecimentos e sua resistência, ao mesmo tempo que desvelamos a discriminação e a violência que elas enfrentam em uma estrutura social, que perpetua a submissão e sua desvalorização.

Portanto, entendendo que a educação não formal também possui um papel a desempenhar nesse processo pedagógico, por meio das ações do projeto "O Museu Atravessa a Cidade", buscamos uma ampla atuação educacional, que promova a equidade e a luta contra a discriminação racial e de gênero.

Por meio de um trabalho coletivo que busque o intercâmbio e a colaboração entre os espaços de ensino e aprendizagem, principalmente entre museu e escola, deseja-se viabilizar, de forma contínua, o desenvolvimento de atividades que reconheçam e valorizem as inúmeras heranças e presenças dos povos africanos na nossa língua, cultura, tecnologia, ciência e sociedade.

Dicas de Leitura

A educação na cidade
- Paulo Freire

Superando o racismo na escola
- Kabengele Munanga (org.)

Educação Infantil: práticas promotoras de igualdade racial
- MEC

O Livro das Invenções
- Marcelo Duarte

O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da educação infantil.

(BRASIL, 2004, p. 10).

ATRAVESSAMENTOS

A inclusão de atividades e dinâmicas que empreguem outros sentidos, para além da visão, permite que as crianças experimentem o mundo de formas diversas. Principalmente na primeira infância, a presença de estímulos sensoriais, que vão além da visão, são essenciais para a exploração do mundo.





Pensando nisso, as atividades propostas pelo projeto "O Museu Atravessa a Cidade" incentivam a experimentação por meio de uma travessia, que é também artística; convidam o corpo ao movimento junto às cantigas; a audição, por meio da contação de histórias; e também mobilizam o tato, um sentido tão proeminente no desenvolvimento da criança e em seu processo de reconhecimento e travessia pelo mundo.

A descoberta de novos mundos é um exercício delicioso para a nossa curiosidade.

A criação de novas atividades, a experimentação e a busca por novas perguntas nos levam por outros caminhos e territórios surpreendentes!

NARRATIVAS A MUITAS MÃOS

É hora de enchermos as embarcações, tomarmos nossos assentos e admirarmos as paisagens! Para construir as narrativas aqui apresentadas, é preciso que você tenha um olhar atento para o que lhe circunda e também para si: quais histórias são escolhidas, contadas e preservadas? Quais narrativas te interessam? Sob esse olhar atento e intencional, recolhemos em nosso meio aquilo que consideramos precioso e decidimos quais histórias desejamos contar.

A mala, os minerais diversos e coloridos e as esculturas em argila são recursos imagéticos que permitem que você construa a sua própria história, podendo nascer tecida da trama de outros enredos. Os objetos, as personagens e a paisagem podem ser diferentes, já que a criação e a contação de uma história deve facilitar a continuidade dos saberes e o diálogo entre quem conta e seus interlocutores.

A forma como transmitimos uma narrativa sempre estará relacionada às nossas vivências, às nossas experiências e aos mundos que tivemos acesso. Assim, em vista de toda a sua potencialidade de mobilização individual e coletiva, utilizamos a contação de histórias como um recurso pedagógico fértil na educação infantil. Te convidamos a mergulhar nos recursos lúdico-pedagógicos oferecidos e a encontrar as trilhas mais interessantes para você.

As narrativas integrantes do projeto são "Chico Rei e Rainha Djaló" e "Dona Isabel e as bonequeiras do Vale do Jequitinhonha", e se relacionam com as atividades práticas propostas e integrantes de um planejamento educativo para a discussão com o público infantil. As viagens fantásticas pelos territórios da África e pela riqueza do Vale do Jequitinhonha se entrelaçam às temáticas e às práticas pedagógicas e artísticas das oficinas.

Práticas educativas como contação de histórias, danças, brincadeiras e jogos são muito potentes na aprendizagem da primeira infância!

Trabalhar temas relevantes através desses recursos lúdicos é uma boa pedida.

ATIVIDADES EDUCATIVAS

As histórias e as personagens Rainha Djaló, Chico Rei e Dona Isabel nos possibilitam pavimentar um caminho lúdico para discutir, com crianças de diversas faixas etárias, as questões de relevância étnico-raciais e gênero, permitindo uma nova forma de pensar e descolonizar conteúdos já presentes no cotidiano escolar. Além disso, essas narrativas são recursos de valorização da riqueza e diversidade das culturas africanas; dos ofícios tradicionalmente desempenhados por mulheres; do trabalho do barro e da cerâmica; da cultura popular mineira; do meio ambiente e da relação com os recursos naturais que buscam a sustentabilidade.

A estrutura de atividades que integram a contação de histórias e a execução das oficinas, além de estimular a imaginação, incentiva a criança a se identificar e criar conexões afetivas com as personagens, habitando um espaço de acolhimento e incentivo ao desenvolvimento de habilidades essenciais na infância, como, por exemplo, a oralidade, a cooperação, a participação em atividades coletivas, o uso da linguagem e, principalmente, a própria identidade cultural da criança, articulando seus saberes e experiências próprias, em um ambiente seguro e preparado para oferecer o suporte necessário nesse processo.



Lembre-se:

Você também pode criar suas histórias ou adaptar histórias existentes para te auxiliar em qualquer perspectiva que desejar.

EIXO 1 – ÉTNICO-RACIAL

CHICO REI E RAINHA DJALÓ

Rei Galanga e a Rainha Djalô foram regentes do Congo no século XVIII. Eram benevolentes e pacíficos, mas enfrentavam muitos conflitos com as regiões vizinhas ao seu país. Toda a realidade do Rei e da Rainha muda completamente quando derrotados pela invasão dos soldados portugueses. Já no Brasil, Galanga, também conhecido como Francisco ou Chico, lida com o luto e com uma realidade dura e difícil, pois fora levado para trabalhar nas minas de ouro em Vila Rica, e, com o tempo, elabora um plano para quebrar as correntes que impedia a ele e seu povo de serem livres.

A cena elaborada acima busca contar a trajetória do herói nacional, Galanga/Chico Rei, a partir de uma encenação simples e cuidadosa do período colonial e escravocrata de nossa história. O objetivo é ampliar o imaginário do arquétipo herói desde a infância, por meio de referências para além das tradicionais. E é o que o/a griô vem contar, trazendo consigo uma bagagem recheada de histórias, riquezas e conhecimentos, sobre o que esse rei e essa rainha nos contam dos povos da África que, antes de virem para o Brasil no processo de escravização, já sabiam minerar ouro, moldar o ferro, fazer tintas com pigmentos minerais e até mesmo encontrar diamantes.

Você sabia?

Na tradição da África Ocidental, o griô é mais do que um contador de histórias. Segundo o pensador malinês Amadou Hampâté Bâ, o griô é a memória viva da comunidade – aquele que guarda e transmite saberes ancestrais, histórias, cantos, valores e ensinamentos.

Em sociedades de tradição oral, o griô é historiador, poeta, músico e educador. Sua palavra sustenta a cultura, orienta as gerações e conecta passado, presente e futuro. Amadou dizia:

"Na África, quando morre um velho, é como se uma biblioteca inteira pegasse fogo."

Essa visão nos convida a valorizar as vozes e saberes que vêm da oralidade e da ancestralidade, fundamentais para repensarmos nossas práticas educativas em diálogo com outras formas de conhecimento.

Assista Kabengele:
O Griô Antirracista.
Acesse pelo QR CODE:



A escolha por contar a história de Galanga/Chico Rei desenha um encontro entre o fantástico, o histórico, as resistências dos povos africanos e a própria narrativa do museu, atravessada pela mineração e pela riqueza mineral, assim como a história de Minas Gerais. Escolher narrar uma viagem faz transcender o tempo: no ato de contá-la, as crianças também viajam com quem conta. A imaginação as instiga a conhecer um território que é múltiplo e diverso, enquanto também são desconstruídas as visões tipificadas da África como um continente simples e uniforme.

Ao buscar um rei e uma rainha negros e africanos, as narrativas contestam a visão de que somente a Europa possuía riquezas, reis e rainhas, além de reconstruir a imagem estética que se tem sobre como eles se vestem, seu tom de pele, sua forma de se relacionar com seu povo. A história de Chico Rei, que, assim como muitos africanos, conhecia sobre minas e minerais, dialoga com a exploração dos negros e negras no processo de escravidão e, ao se falar de sua resistência e luta por sua alforria, é possível perceber como era o trabalho nas minas, a extração das riquezas nelas contidas e como ele, tendo o conhecimento desse ofício, fez uso do seu saber e de sua sabedoria como ferramentas para sua libertação e de outros escravizados.

Do mesmo modo, é possível traçar um paralelo entre essa diversidade cultural e as crianças, cada qual é um indivíduo com suas particularidades e identidades culturais. Assim, em companhia de Chico Rei e da Rainha Djáló, fazemos o convite para enxergar o mundo, seus habitantes e suas múltiplas culturas, em uma perspectiva igualitária.

No processo de criação coletiva, que integra a atividade de confecção e pintura das máscaras africanas, levamos as crianças a transportar para suas ações as expressões de suas vivências e personalidades, construindo e desvendando um mundo ao seu redor por meio da arte e suas possibilidades de experimentação.

A manifestação contemporânea mais conhecida da herança de Chico Rei é o **Reinado**, manifestação cultural e religiosa afro-brasileira, festiva e de resistência. Uma festa que coroa rainha e rei escolhidos e, também, festeja a devoção às diversas doutrinas e santos, como Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Celebrado em várias partes do país, o Reinado traz especificidades regionais, nos seus cantos, toadas,

danças e indumentárias, bem como os rituais africanos em suas sonoridades, máscaras e adornos. Segundo Rubens Alves da Silva (2012), o Reinado constitui uma tradição afro-mineira ligada à memória do Reino do Congo e às coroações simbólicas que mantêm vivas referências históricas, religiosas e culturais das populações negras no Brasil.

Mais do que uma festa, o Reinado é um espaço de transmissão de saberes e fortalecimento da ancestralidade. Para Leda Maria Martins (1997), essas celebrações mantêm vivas as memórias afro-brasileiras por meio da oralidade, do corpo e da performance, conectando passado e presente em uma contínua prática de resistência cultural.

A escolha por uma atividade que traz a pintura de máscaras africanas e a criação de tintas a partir de pigmentos minerais materializa a possibilidade educativa de incentivar a experimentação artística da criança, assim como traz elementos da arte tradicional africana, das cores e das indumentárias, entrelaçando a cultura, as tradições e a criatividade. Estes símbolos carregam traços de identidades culturais diversas, repletas por representações de ancestralidade, sendo um mergulho importante na história dos povos para compreender suas individualidades e características que, comumente, é substituída por uma visão homogênea e eurocêntrica.

Agora, após vivenciar as histórias, carimbar o passaporte e rechear a mala de presentes, chegou a hora de esculpirmos e darmos vida e cores às nossas máscaras africanas, utilizando pigmentos minerais!

Curiosidade!

Por que muitas comunidades usam a palavra "Reinado"?

Embora o termo **Congado** *seja amplamente difundido, muitas comunidades afro-mineiras usam a denominação* **Reinado** *para nomear suas celebrações. A palavra faz referência às coroações de reis e rainhas negras, às antigas irmandades do Rosário e à memória dos reinos africanos preservada nas tradições afro-brasileiras. Pesquisas e inventários patrimoniais realizados em Minas Gerais registram que muitos praticantes se reconhecem como* **reinadeiros** *e identificam suas festas como* **Reinados de Nossa Senhora do Rosário**. *Para essas comunidades, a expressão "Reinado" evidencia não apenas o caráter festivo da celebração, mas também seus significados religiosos, históricos e ancestrais.*

(IEPHA-MG, 2014; NORONHA, 2011).

Você sabia?

O Reinado, presente em muitas cidades mineiras, é uma manifestação afro-brasileira que une fé, dança, canto e memória ancestral. Sua origem é marcada pela força simbólica de Chico Rei, um rei africano da região do Congo, capturado e escravizado no Brasil com o nome de Galanga.

A tradição oral conta que, mesmo escravizado em Vila Rica (hoje Ouro Preto), Galanga manteve viva a memória de seu povo. Com o tempo, conquistou a alforria, libertou outros cativos e fundou uma irmandade negra que celebrava sua ancestralidade através de festas e rituais.

Essas celebrações deram origem ao Reinado, prática que reverencia os reis e rainhas do Congo e da África, mantendo viva a memória coletiva e a resistência dos povos negros no Brasil. Com cada tambor, dança e coroa, o Reinado afirma a presença e o protagonismo negro na construção da cultura brasileira.





Dicas!

Livros

Ensino antirracista na educação básica
- Thiago Henrique Mota (org.).
Acesse a obra pelo QR CODE:

Ensinando a Transgredir: A educação como prática de liberdade - bell hooks

Lugar de Fala
- Djamila Ribeiro

Pequeno Manual Antirracista
- Djamila Ribeiro

Mulheres, Raça e Classe
- Angela Davis

Livro: Contação de histórias: Tradição, poéticas e interfaces
- Daniel Munduruku

Documentário

"Sotigui Kouyaté, Um griot no Brasil"
- Alexandre Handfest

CONFECÇÃO E PINTURA DE MÁSCARAS AFRICANAS



O QUE SÃO PIGMENTOS MINERAIS?

Os pigmentos minerais são substâncias naturais utilizadas pelos seres humanos desde sua origem: para tingir tecidos e objetos, decorar a cerâmica e, em destaque, nas pinturas rupestres feitas em paredes rochosas.

Os diferentes tipos de solo, graças à sua composição química, são fontes ricas da matéria-prima de tintas naturais: fragmentos de minerais, de rochas e terras coloridas são alguns exemplos. Ao produzir as tintas a partir das fontes naturais, resgatamos uma sabedoria ancestral, enquanto também experimentamos, por meio da arte, os benefícios da rica diversidade mineral presente na África e no Brasil.





Assim, convidamos você a observar os solos por onde passa todos os dias: talvez por um jardim ou por alguma construção: quais cores podemos encontrar por ali? Vale tudo: notar as cores dos temperos que consumimos - açafrão, urucum, cúrcuma ou mesmo dos solos que pisamos todos os dias; aquela terra mais avermelhada ou de um marrom bem escuro. Quando se trata de pigmento mineral, quanto mais variados os elementos que observamos e coletamos, mais riqueza de cores e tons podemos criar!

O QUE SÃO AS MÁSCARAS AFRICANAS?

Podemos pensar sobre as máscaras africanas a partir de dois marcadores históricos - antes da colonização e após a colonização da África. A confecção e o uso de máscaras africanas fazem parte da estruturação das culturas de povos no seu tempo e espaço. A confecção das máscaras foi um ofício que poderia ter diferentes objetivos: bélico, ritualístico, transmissão de conhecimentos e até performáticos (Salum, 1996).

A partir do século XIX era possível encontrar as máscaras africanas em museus de diversos lugares do mundo, que passam então a ser consideradas obras de arte africana e posteriormente conhecidas e prestigiadas no Ocidente. Conquistaram grande notoriedade após despertar o fascínio de artistas europeus no início do século XX, do qual o espanhol Pablo Picasso é o representante mais conhecido. Deixamos aqui uma provocação para você: quando as máscaras foram/são retiradas de seu ambiente de origem e levadas para os espaços museológicos, que sentidos elas nos transmitem? Seu significado se modifica?

Você sabia?

Museus Universais: quem tem o direito de guardar o mundo?

A historiadora e ativista Françoise Vergès nos convida a olhar com atenção crítica para os chamados "museus universais", como o Louvre (França) ou o British Museum (Inglaterra). Segundo ela, esses museus foram construídos à sombra da colonização europeia e do tráfico de pessoas africanas e asiáticas.

Apesar de se apresentarem como espaços neutros e educativos, esses museus abrigam acervos oriundos de saques, pilhagens e violência colonial, muitas vezes sem mencionar essas origens em suas exposições. Vergès questiona:

"como pode haver "universalidade" quando tantas vozes foram caladas para que esses objetos estivessem ali?"

Já a historiadora Bénédicte Savoy, coautora do Relatório Sarr-Savoy, reforça que milhares de peças que hoje estão em museus europeus foram retiradas de contextos sagrados, cerimoniais ou históricos de comunidades africanas, muitas vezes por meio da violência. Para ela, restituir essas peças é um gesto de reparação e reequilíbrio histórico.

Pensar museus de forma anticolonial é também repensar quem narra, quem é ouvido e quem é silenciado. É propor outras formas de curadoria, onde a memória, a ancestralidade e a justiça estejam no centro.

O fascínio que as máscaras africanas provocam desde então nos faz indagar se a concepção de máscara compartilhada por muitos povos africanos é a mesma que a nossa. Se para nós a máscara representa um objeto usado na frente do rosto para esconder a identidade do seu portador, em muitas regiões da África esse é apenas um de seus diversos significados. Tradicionalmente, para os povos africanos, as máscaras também possuem um caráter de transformação: com ela, é possível criar um novo eu, que se transforma e se torna mais corajoso, mais forte e até mais próximo das divindades, atendendo às necessidades, rituais pessoais e coletivos. Geralmente confeccionada em madeira, a máscara engloba a ideia de totalidade, o que inclui o mascarado, os músicos e a audiência. É esse conjunto que dá sentido à performance. É o movimento que dá sentido à vida. As cerimônias envolvendo mascarados atualizam os ritos dos mitos, colaborando para a manutenção e coesão da comunidade.

A atividade de confecção de máscaras africanas do projeto foi desenvolvida para exaltar a diversidade cultural e as artes visuais do continente africano, que se relaciona diretamente com as riquezas artísticas e culturais do Brasil. Da mesma forma, a confecção de tintas a partir dos pigmentos minerais busca salientar os conhecimentos e ofícios dos povos africanos em mineração, metalurgia e meio ambiente, criando uma relação de valorização das riquezas naturais e culturais do Brasil e da África.

No entrelaçar desses objetivos, te convidamos a reproduzir a atividade de confecção e pintura das máscaras africanas a partir dos moldes das máscaras que acompanham o Kit Educativo, do qual esta cartilha é parte.

Quer saber mais?

Há um leque de literatura para contribuir com as pesquisas pedagógicas.

Deixamos três para você:

1. Silva, Renato Araújo da; Alvim, Tomás; Salles, Marisa Moreira. Arte Africana: Máscaras e Esculturas – Volume II. São Paulo/Londres: BE Editora, 2025.

2. Revista RAIZ. "A cultura da África Ocidental no MASP: obras de 17 culturas africanas." RAIZ, março de 2025.

3. Museu Campos Gerais (UEPG). ÁFRICA(NIDADES) E(M) MÁSCARAS. Ponta Grossa: UEPG, 2024.

Para conhecer!

No Brasil há diversos artistas negros que fazem da sua arte meio de resgate ancestral, como Samuel de Sá, artista visual e educador que produz máscaras africanas com o barro. Seu trabalho é pautado na percepção do homem negro, diaspórico do sertão de Goiás. Ele acredita que seu trabalho colabora com a ruptura de uma percepção única da cultura.

Quer saber mais sobre ele?
Instagram: @ssa.arte

hora da prática

CRIANDO SUAS MÁSCARAS



Materiais necessários:

- Papel kraft;
- Lápis;
- Tesoura;
- Cola branca ou cola quente;
- Molde das máscaras africanas;

Mãos à Massa!

1. Sobre o kraft, posicione o seu objeto no formato geométrico que desejar e desenhe com o lápis, traçando um contorno em torno do objeto;

2. Faça a quantidade de moldes que desejar, e aproveite para explorar outros tamanhos;

3. Separe os seus moldes e com a cola branca, ou a cola quente, anexe os moldes menores sobre o maior, que servirá de base, e construa a sua máscara;

4. Para alimentar a sua criatividade, deixamos referências de máscaras africanas para confecção com sua turma.

5. E, por fim, divirta-se com os alunos e as alunas, enquanto aprendem sobre as máscaras africanas, contando histórias e inventando brincadeiras com elas!

O divertido na confecção da sua máscara é usar formas geométricas de diversos tamanhos!

Moldes para impressão!

Os QR Codes abaixo dão acesso aos moldes utilizados nas oficinas. As imagens podem ser impressas e utilizadas como suporte para atividades de pintura, desenho, colagem, modelagem e experimentações com pigmentos minerais, favorecendo processos criativos e reflexões sobre patrimônio cultural, ancestralidade, memória e diversidade cultural.

hora da prática

PIGMENTANDO SUAS MÁSCARAS



Materiais necessários:

- Pigmentos minerais variados (podem ser encontrados em terras com cores diferentes e fragmentos de rocha);
- Cola branca;
- Água;
- Potes pequenos de plástico;
- Pincéis de diferentes tamanhos;
- Molde das máscaras africanas
- Papel kraft.



Mãos à massa!

1. Em um recipiente de plástico, misture duas colheres de sopa do pigmento mineral de sua escolha em ¼ de xícara de água;

2. Depois disso, vá adicionando um pouco de cola branca, até ter a consistência semelhante à tinta látex;

3. Não se esqueça de experimentar cores com diferentes pigmentos e criar tintas variadas!

A atenção à consistência da tinta é muito importante! Caso ela fique muito grossa, adicione um pouco de água. Caso fique muito rala, adicione cola.

4. Tudo pronto, agora é só soltar a criatividade e pintar a sua máscara como desejar! Depois, é colocar no rosto e se divertir com a sua máscara única e personalizada.

EIXO 2 – GÊNERO E MINEIRIDADES

DONA ISABEL E AS BONEQUEIRAS DO VALE DO JEQUITINHONHA



Três palhaças partem em uma peregrinação levando um desejo no coração e muitas histórias na mala – querem construir uma exposição de peças de argila para celebrar os 100 anos de Dona Isabel. E, para concretizar este sonho, as palhaças visitam as escolas pedindo ajuda às crianças e, no meio de muita alegria e criatividade, as três fãs da "Mestra Artesã" contam sobre o Vale do Jequitinhonha e a história de Dona Isabel.

Dona Isabel nasceu no dia 03 de agosto de 1924, na zona rural do Município de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Aprendeu ainda nova a manusear a argila com sua mãe. Ofício que foi e continua sendo a fonte de renda de muitas mulheres nas regiões do Vale do Jequitinhonha. A prática de moldar a argila e a produção de panelas de louça era passada por gerações e gerações, geralmente pelas mulheres.

Educada e capacitada para ser uma paneleira, Dona Isabel foi uma exceção à regra do que se esperava de uma mulher nascida naquela época, no Vale do Jequitinhonha. Ela se tornou uma artista e conquistou dimensões de reconhecimento que o imaginário por vezes não corresponde às expectativas em relação às mulheres, negras e de regiões descentralizadas. Quando ainda jovem, produziu a sua primeira peça – uma boneca a partir de uma moringa de argila. E o tempo a levou a ser uma das maiores artesãs do nosso país, contribuindo com a arte popular brasileira e sendo referência pelo mundo inteiro. Em 2004, Dona Isabel foi agraciada com o Prêmio UNESCO de Artesanato para América Latina e Caribe pela UNESCO, e, em 2005, recebeu a Ordem ao Mérito Cultural do Governo Federal, prêmio que significa o reconhecimento da atuação da Dona Isabel como representante da cultura popular brasileira e da sua contribuição para a valorização dessa expressão artística.

Dona Isabel faleceu em 30 de outubro de 2014, mas seu legado permanece vivo! Deixou filhas, netos e bisnetos, além de um volume enorme de obras que preenchem exposições, salas de colecionadores e o imaginário cultural brasileiro, que continua sendo alimentado pelas suas remanescentes.

NOTAS DA TRAVESSIA

O Vale do Jequitinhonha é uma região do Norte de Minas Gerais que entre os séculos 17, até meados do século 19, viveu com intensidade o extrativismo mineral em busca de ouro e diamante. Hoje, o Vale é território de uma notável riqueza mineral e cultural de Minas Gerais.

A região desafia as tipicidades de escassez erroneamente atribuídas ao sertão e abriga uma rica diversidade de comunidades, que preservam diferentes saberes, ofícios, flora, fauna e histórias.

A história de Dona Isabel e das bonequeiras do Vale do Jequitinhonha busca se aproximar do ofício de moldar argila, saber e técnica, que acompanha a humanidade desde suas origens e se desenvolveu com as comunidades.

Falar sobre artesanato com argila é também refletir sobre a presença desse material nos utensílios que usamos todos os dias e são produzidos a partir de sabedoria e ofício ancestrais. Da mesma forma, trazer essas narrativas para a prática educativa é valorizar o trabalho de mulheres ceramistas e bonequeiras do Norte de Minas Gerais, que preservam um ofício artístico de sobrevivência e de resistência, ao mesmo tempo que mantêm e perpetuam uma relação econômica, sustentável e ambiental.

A escolha por narrar o fazer de um ofício tradicional nos permite valorizar um trabalho popular, transmitido por gerações, principalmente entre mulheres. Ao trazer uma figura como Dona Isabel, garantimos a importância de valorizar os saberes populares e o lugar de ouvir e contar histórias, mostrando o quanto é possível descobrir e aprender por meio delas, demonstrando quanto conhecimento técnico, e até mesmo científico, um ofício popular contém e preserva.

Narrar o Jequitinhonha e trazer as riquezas daquela terra combate a visão equivocada de um território uniforme e sem riquezas, oferecendo uma oportunidade de reconhecimento e valorização de toda a cultura existente na região.

Dicas de Conteúdo

Documentários

Do Pó a Terra
- Mauricio Nahas

Izabel Mendes da Cunha
- Hilton Lacerda

MOLDANDO ARGILA

A criação de práticas que valorizem os saberes e ofícios ainda vistos como "femininos" pode ser uma via potente para a promoção de discussões e aprendizados sobre a igualdade de gênero, a desconstrução de padrões e a valorização da cultura e dos saberes populares.

A manipulação de argila está relacionada a um ofício ancestral, desenvolvido e praticado pelas sociedades humanas desde sua origem. O moldar da argila ultrapassa a criação de objetos de uso cotidiano, sendo também uma forma de expressão cultural e artística. Essas práticas tradicionais são, muitas vezes, ensinadas e perpetuadas de forma geracional entre as mulheres ceramistas. Assim, há a necessidade da valorização dos modos populares e artesanais de fazer e trabalhar a cerâmica no Vale do Jequitinhonha.

A gama de conhecimentos mobilizados por mulheres ceramistas vai desde a escolha da argila apropriada para modelar, passando pela mistura com a água e vai até a modelagem da forma e pelo controle da temperatura ideal para a queima. Escolher a argila apropriada passa pelo conhecimento do material: a argila provém das rochas sedimentares, é composta, em geral, de argilominerais e minerais não argilosos, em diferentes proporções. Em geral, a argila ideal para ser modelada é Caulim, por suas características físicas e químicas, importantes para a facilidade do molde e resistência da peça. Portanto, a manipulação da argila e a confecção das bonecas são ofícios que, a um só tempo, envolvem aspectos artísticos e delicados, mas também possuem caráter técnico-científico.

Por meio da atividade de moldar a argila, buscamos valorizar a arte cerâmica das mulheres bonequeiras do Jequitinhonha, uma relação mais sustentável com o meio ambiente e a riqueza da cultura popular mineira.

[6] http://mineralis.cetem.gov.br/bitstream/cetem/1047/1/11.Argila-CAULIM%20ok.pdf

Visita

Centro de Arte Popular
Instagram: @centrodeartepopular

Livros

Da paneleira à bonequeira: vida econômica, espaço doméstico e técnica da cerâmica em transformação no Jequitinhonha
- Reynaldo Moreira

Ensinando pensamento crítico
- bell hooks

hora da prática

MOLDANDO ARGILA

Materiais necessários:

- Pacotes de Argila (existem várias cores de argila, escolha a que achar mais bonita!);
- Jornal;
- Vasilhas com água;
- Potes pequenos;
- Palitos de picolé e outros utensílios para acabamento;
- Sisal ou cordinhas para enfeite.



Mãos à Massa:

1. Proteja a superfície escolhida com um jornal;

2. Em um pote pequeno, coloque a argila e vá adicionando água aos poucos;

3. Vá misturando até ter uma consistência fácil de manusear;

4. Dê asas à imaginação e molde a argila como desejar;

5. Experimente formas e texturas;

6. No fim, é só deixar secar de dois a três dias e está pronta a sua peça.

Tem mais!

Depois de moldar, se desejar, use canudos e palitos para criar padrões e texturas na sua peça.

Lembre-se de registrar as suas impressões sobre as atividades, práticas e suas próprias ideias!

Aqui valem fotos, vídeos, áudios e até mesmo anotações.

Registrar o processo é uma forma de criar ótimos resultados.

INSPIRAÇÕES PARA O UNIVERSO INFANTIL



Dicas que poderão te inspirar na jornada das contações de histórias.

Diário de Violeta em Kamba Kua
- Alexandra Lima da Silva

Ògúnt a jovem guerreira do reino de Olokum
- Kelly Xavier Madaleny

Os Cabelos de Lindu - Geni Lima

Lina: a menina que insistia em poesia
- Veronica Cunha



Meu Gatinho Amarelo - Ana Beatriz Brites

As Bonecas Abayomi no Brasil
- Fabiana Alves e Altemar Ribeiro (ilustrações)

Astronauta
- Regi Ferreira (em parceria com a Cia. Mar)

Doze Brincadeiras Indígenas e Africanas: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul"
- Rogério Andrade Barbosa e Yaguarê Yamã com ilustrações de Laerte Silvino

Cada Remada uma História
- Cristino Wapichana, Daniel Munduruku, Roni Wasiry e Tiago Hakiy, com ilustrações de Mauricio Negro

VAMOS FALAR EM LIBRAS?

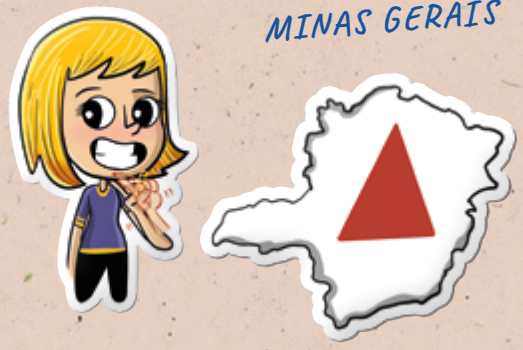
Você sabia que, além do idioma Português, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) também é uma língua oficial no Brasil? Que tal aprendermos um pouco de LIBRAS?

Com a LIBRAS, podemos nos comunicar por meio dos sinais. Essa é a forma oficial de comunicação com as pessoas surdas. Agora, vamos aprender alguns sinais:









CULTURA



MÁSCARA



MINERAL



ÁFRICA



BONECA



BRASIL



[7] BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em; 13. Mar. 2024.

NOTAS EM TERRA FIRME

O desenvolvimento, a execução e a continuidade do projeto "O Museu Atravessa a Cidade" é de grande relevância para as ações educativas desenvolvidas pelo MM Gerdau – Museu das Minas e do Metal, assim como para as comunidades que são nossas parceiras no projeto.

A escolha por abordar temas que discutem questões étnico-raciais, gênero, meio ambiente, ciência, sustentabilidade e cultura responde a uma demanda de diálogo e democratização do conhecimento acerca desses temas nos espaços escolares e, principalmente, com um público que, possivelmente, não conseguiria acessar o espaço físico do museu e suas múltiplas possibilidades educativas de outra forma.

Incentivar e possibilitar a reprodução de práticas que contemplem temas de relevância social de forma educativa, contribui para a formação de indivíduos que reconheçam e respeitem a diversidade de saberes, conhecimentos e culturas integrantes da sociedade. Da mesma forma, o projeto colabora na divulgação e popularização da ciência e da tecnologia, fortalecendo laços de identidades culturais e valorizando a diversidade cultural, de gênero e raça.

Agora, você tem autonomia e flexibilidade para replicar as atividades desenvolvidas até aqui, assim como liberdade criativa e suporte material para desdobrá-las em novas práticas e trilhar novos caminhos, seguindo no processo de discussão e conscientização sobre temas de relevância social com toda a comunidade escolar. Agradecemos por embarcar e descobrir tantos territórios conosco!

OUTRAS TRAVESSIAS

Nesta jornada, embarcaram conosco oito instituições públicas de educação infantil de Belo Horizonte. Elas se abriram para o novo, revisitaram o já visto e mergulharam noutros mares, permitindo novos visitantes em suas cartografias particulares. As narrativas que embarcaram conosco, recheando nossas malas de singularidades, aqui também desembarcam, encontrando-se no coletivo e no produto das relações que construímos. Agora, viajantes experientes e responsáveis pelas jornadas que nos unem, representantes de diferentes pessoas e territórios, desenhamos como terra firme o que ainda desejamos criar para o futuro.

TRAVESSIAS DO OMAC EM BEAGÁ

EMEIS ATENDIDAS OMAC IV

1 . Centro Infantil do Cabana
2 . EMEI Vila Leonina
3 . EMEI Vale do Jatobá
4 . EMEI Havaí
5 . EMEI Pindorama
6 . EMEI Águas Claras
7 . EMEI Floramar
8 . EMEI Califórnia

EMEIS ATENDIDAS EM OUTRAS EDIÇÕES

9 . EMEI Christovam Colombo
10 . EMEI Bairro das Indústrias
11 . EMEI Maria Sales Ferreira
12 . Creche Madre Mazzarello
13 . EMEI Lajedo
14 . EMEI Lucas Monteiro
15 . EMEI Palmeiras
16 . EMEI Lindéia
17 . EMEI Goiânia
18 . EMEI Cinquentenário
19 . EMEI Mangueiras
20 . EMEI Jardim Vitória
21 . EMEI Santa Maria
22 . EMEI Camargos
23 . EMEI Gameleira



PONTOS DE REFERÊNCIA

A . Parque Jacques Cousteau
B . Viaduto das Artes
C . Muquifu | Museu de Quilombos e Favelas Urbanos
D . Praça da Liberdade
E . Arena do Morro das Pedras
F . Praça Afonso Arinos
G . Parque Municipal Américo Renné Giannetti
H . Praça da Estação
I . Conjunto IAPI
. MM Gerdau - Museu das Minas e do Metal

Referências Bibliográficas

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas.** São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2004. 37p.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2010. 40 p.

_____. **Lei nº 10.639**, de 21 de dezembro de 2006. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, (2003). Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 25 jun. 2026.

BENTO, M. S. B. **Práticas pedagógicas para igualdade racial na educação infantil.** São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade - CEERT, 2011.

CUNHA JUNIOR, H. **Tecnologias Africanas** - Caderno Tecnologia Africana na Formação Brasileira. 1ª edição. Rio de Janeiro, 2010.

CENTRO CULTURAL VALE MARANHÃO. Africana: o diálogo das formas - Catálogo Digital. Disponível em: <https://ccv-ma.org.br/app/uploads/2019/05/ccvm-africana-catalogo-digital.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

HALL, S. **Cultura e representação**: Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. "En Afrique, quand un vieillard meurt, c'est une bibliothèque qui brûle." Discurso proferido na Conferência Geral da UNESCO, Paris, 1 dez. 1960. Citado em: BARRYPOPIK. When an old man dies, a library burns to the ground. (blog), 20 dez. 2013. Disponível em: https://barrypopik.com/blog/when_an_old_man_dies_a_library_burns_to_the_ground. Acesso em: 17 jul. 2025.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico.** Elefante Editora. 2020. 294 p.

IEPHA-MG. Dossiê de Registro do Reinado de Nossa Senhora do Rosário: celebração e cultura da fé em Minas Gerais. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá.** Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Perspectiva, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003.

MOTA, T. H. (org.). **Ensino Antiracista na educação básica:** da formação de professores às práticas escolares. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. cap. 1, p.13-26.

NORONHA, Vânia. **Reinado de Nossa Senhora do Rosário: memória e identidade.** Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 268-289, 2011.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista.** 1ª edição. Companhia das Letras. 2019.

RODRIGUES, Júnia Sales. Chico Rei: entre o mito e a história. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, n. 2, p. 91-110, 2006.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. Notas discursivas diante das máscaras africanas. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 6, p. 233-253, 1996.

SARR, Felwine; SAVOY, Bénédicte. Rapport sur la restitution du patrimoine culturel africain. Vers une nouvelle éthique relationnelle. Paris: Ministère de la Culture, 2018. Disponível em: https://restitution-report2018.com. Acesso em: 18 jul. 2025.

SILVA, Rubens Alves da. **Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das ciências sociais.** São Paulo: Hucitec, 2005.

SOUZA, M.M.E. Os Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa de Coroação do Rei Congo. 2ª ed. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2014 (2002). p. 261- 342.

TANAKA, B. A história de Chico Rei - Guia de Professor. Editora SM. 2015.

VERGÈS, Françoise. Decolonial Museum: a necessary utopia. In: ANGELI, Cristina Baldacci; BIANCHI, Clio Nicastro; FARINELLI, Alessandro (org.). The Postcolonial Museum: The Arts of Memory and the Pressures of History. London: Routledge, 2014. p. 27-39.

FICHA TÉCNICA

Direção Executiva:
Márcia Guimarães

Direção Financeira:
Pedro Andrade

Assessoria de Projetos:
Juliane Oliveira e Luiza Macedo

Gerência de Relacionamento Institucional:
Paola Oliveira

Coordenação Educativa:
Amanda Moreira e Luiza Macedo

Coordenação Comunicação:
Lucas D'Ambrósio

Concepção e Organização:
Allane Machado, Paloma Inácia e André Luiz

Pesquisa e Texto:
Allane Machado e Paloma Inácia

Produção:
Jana Janeiro

Auxiliares:
Paloma Inácia e André Luiz

Estagiário:
Cipreste Maria Pathiele e Ytai Camargos Costa Lopes

Ilustrações:
Lucas Ramon (Tikinho)

Revisão de Texto:
Allane Machado, Amanda Moreira, Giovana Cangussú, Lucas D'Ambrosio, Luiza Macedo, Márcia Guimarães e Paola Oliveira

Diagramação e Design Gráfico
Sal - Estúdio Criativo



REALIZAÇÃO

N° DO PROJETO: 1560/2024

Lei Rouanet

GERDAU
MUSEU DAS MINAS E DO METAL

GERDAU
O futuro se molda

PATROCÍNIO

GRUPO ZELO
QUEM TEM VIVE BEM

INCENTIVO

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

BELO HORIZONTE
PREFEITURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

